

OBRA ANALISADA	O beijo no asfalto
GÊNERO	Drama
AUTOR	Nelson Rodrigues
DADOS BIOGRÁFICOS	Nascimento: 23 de agosto de 1912, Recife, PE Morte: 21 de dezembro de 1980, Rio de Janeiro, RJ
BIBLIOGRAFIA	<p>Romances</p> <ul style="list-style-type: none"> - Meu destino é pecar, O Jornal - 1944 / Edições O Cruzeiro - 1944 (como Suzana Flag) - Escravas do amor, O Jornal - 1944 / Edições O Cruzeiro - 1946 (como Suzana Flag) - Minha vida, O Jornal - 1946 / Edições O Cruzeiro - 1946 (como Suzana Flag) - Núpcias de fogo, O Jornal - 1948. Inédito em livro. (como Suzana Flag) - A mulher que amou demais, Diário da Noite - 1949. Inédito em livro. (como Myrna) - O homem proibido, Última Hora - 1951. Editora Nova Fronteira, Rio, 1981 (como Suzana Flag). - A mentira, "Flan" - 1953. Inédito em livro. (como Suzana Flag). - Asfalto selvagem, Última Hora - 1959-60. J.Ozon Editor, Rio, 1960, em dois volumes. (como Nelson Rodrigues) - O casamento, Editora Guanabara, Rio, 1966 (como Nelson Rodrigues). - Asfalto selvagem - Engraçadinha: seus amores e pecados, Companhia das Letras, São Paulo. - Núpcias de fogo, Companhia das Letras, São Paulo. (como Suzana Flag). <p>Contos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cem contos escolhidos - A vida como ela é..., J.Ozon Editor, Rio, 1961; em dois volumes. - Elas gostam de apanhar, Bloch Editores, 1974. - A vida como ela é — O homem fiel e outros contos, Cia. das Letras, SP, 1992. Seleção de Ruy Castro. - A dama do loteação e outros contos e crônicas, Cia das Letras, SP - A coroa de orquídeas, Cia. das Letras, SP. <p>Crônicas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Memórias de Nelson Rodrigues, Correio da Manhã, Rio, 1967. - O óbvio ululante, O Globo / Editora Eldorado, Rio, 1968. - A cabra vadia, O Globo / Editora Eldorado, Rio, 1970. - O reacionário, Correio da Manhã e O Globo, 1977. - O óbvio ululante — Primeiras confissões, 1993. Seleção de Ruy Castro. - O remador de Ben-Hur - Confissões culturais - A cabra vadia - Novas confissões - O reacionário - Memórias e Confissões - A pátria sem chuteiras - Novas crônicas de futebol, - A menina sem estrela - Memórias - À sombra das chuteiras imortais - Crônicas de Futebol - A mulher do próximo <p>Peças Teatrais</p> <ul style="list-style-type: none"> - A mulher sem pecado, 1941 - Direção Rodolfo Mayer - Vestido de noiva, 1943 - Direção: Ziembinski - Álbum de família, 1946 - Direção: Kleber Santos - Anjo negro, 1947 - Direção: Ziembinski - Senhora dos afogados, 1947 - Direção: Bibi Ferreira - Dorotéia, 1949 - Direção: Ziembinski - Valsa nº 6, 1951 - Direção: Henriette Morineau - A falecida, 1953 - Direção: José Maria Monteiro - Perdoa-me por me traíres, 1957 - Direção: Léo Júsi.

- Viúva, porém honesta, 1957 - Direção: Willy Keller
- Os sete gatinhos, 1958 - Direção: Willy Keller
- Boca de Ouro, 1959 - Direção: José Renato.
- Beijo no asfalto, 1960 - Direção: Fernando Tórres.
- Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária, 1962 - Direção Martim Gonçalves.
- Toda nudez será castigada, 1965 - Direção: Ziembinski
- Anti-Nelson Rodrigues, 1973 - Direção: Paulo César Pereio
- A serpente, 1978 - Direção: Marcos Flaksman

Novelas de TV

- A morta no espelho, TV Rio, 1963
- Sonho de amor, TV Rio, 1964
- O desconhecido, TV Rio, 1964

Filmes

- Somos dois, 1950
- Meu destino é pecar, 1952
- Mulheres e milhões, 1961
- Boca de Ouro, 1962
- Meu nome é Pelé, 1963
- Bonitinha, mas ordinária, 1963
- Asfalto selvagem, 1964
- A falecida, 1965
- O beijo, 1966
- Engraçadinha depois dos trinta, 1966
- Toda nudez será castigada, 1973
- O casamento, 1975
- A dama do loteamento, 1978
- Os sete gatinhos, 1980
- O beijo no asfalto, 1980
- Bonitinha, mas ordinária, 1980
- Álbum de família, 1981
- Engraçadinha, 1981
- Perdoa-me por me traíres, 1983
- Boca de Ouro, 1990

RESENHA

PERSONAGENS

- Aruba, o investigador
- Amado Ribeiro, o repórter do jornal "Última Hora"
- um fotógrafo
- delegado Cunha
- seu Aprígio, pai de Selminha
- Selminha, a esposa
- Arandir, o marido
- Dália, a sobrinha, adolescente cuja graça leve parece esconder uma alma profunda
- comissário Barros
- D. Matilde, vizinha fofqueira
- um vizinho
- Sodré, Werneck, Pimentel colegas de trabalho de Arandir + D. Judith, a datilógrafa
- a viúva do homem atropelado
- criada de Selminha

Um homem após ser atropelado, agonizante, pede um beijo a um rapaz de coração puro e atormentado. A cena é presenciada por um repórter, que retrata o rapaz como um criminoso e ganha a página principal. E o pobre Arandir estava a caminho da Caixa Econômica para empenhar uma joia. Amado Ribeiro, o repórter, e o pai de Selminha sempre se referiam às relações masculinas de Arandir.

Por várias vezes, Selminha se declara irritada, pois, desde o início

do namoro, o pai nunca chamou Arandir pelo nome. "O senhor dizia "seu namorado", "seu noivo", "seu marido", "meu genro". Desconhece o motivo e o pai nunca justifica.

Como pano de fundo está, a história do desejo de Aprígio, o sogro, por Arandir, seu genro. A homossexualidade masculina tão censurada, ganha foco e destaque até nas telonas. Para o autor que "observava o mundo ao seu redor", a situação, uma vez mais, foge ao controle da expectativa.

Aprígio é o pai de Selminha, frágil moça de intensa feminilidade; mulher de Arandir, seu genro. Nas últimas linhas da obra, o diálogo entre eles é franco e gentil. Entre o casal, um amor ingênuo. Ela perdidamente apaixonada; ele, era só afeto e compreensão. Tanto que Arandir contou imediatamente para Selminha ter pecado ao ver, de relance, a cunhada nua, no banho. E ainda justifica: a fechadura estava quebrada. Ela tinha a certeza de que o marido nunca a trairia. O entendimento e a ternura de Selminha são de cortar o coração.

Em geral, nas novelas atuais, essas relações geram sentimentos de mágoa causado por agravo ou indelicadezas e têm como resultado choques impetuosos. Ao final, uma delas será a vencedora.

É numa cena trivial, num ritual costumeiro, regado a pequenas alegrias e sempre com café fresquinho passado na hora que Aprígio faz suas declarações. Incrimina e expõe publicamente a moral do genro, abandonado, julgado e condenado socialmente pela imprensa "marrom". Põe um fim à felicidade da própria filha, porque assassina o marido dela. E a sobrinha pensava que ele tinha um amor, não de pai, mas de homem.

"O meu ódio é amor." [p. 104, próximo ao fim do terceiro e último ato]
Somente após a morte, Aprígio fala e confessa seu desejo:
- Arandir!(mais forte) Arandir!(um último canto) Arandir! (p.104)

Segundo ato: ref. a Samuel Wainer – que fora editor-chefe e diretor do jornal Última Hora

Terceiro ato: ref. a Carlos Lacerda, fundador do jornal Tribuna da Imprensa

ESTILO DE ÉPOCA

Pós-modernismo: prosa contemporânea
Drama em 3 atos
1º e 2º atos com 4 quadros
3º ato com 5 quadros

- Ambiente

delegacia, distrito policial na praça da Bandeira
casa de Selminha, no Grajaú
escritório da firma onde Arandir trabalha
casa na Boca do Mato
quarto de hotel ordinário onde vai se refugiar o envergonhado Arandir
São João de Meriti, casa de um amigo de Amado Ribeiro

- Descrição de personagens

- delegado Cunha: mangas de camisa, suspensórios arriados, um escandaloso revólver na cintura. [início do primeiro ato]

- Amado Ribeiro, o repórter: chapéu na cabeça e a aparência de um cafajeste dionisíaco

- Linguagem Conotativa

No primeiro ato:

"Tenho uma bomba" = acontecimento surpreendente e inquietante

- Metáfora

Cunha parece beber as palavras do repórter
= sorver com atenção, mergulhar em,

- Hipérbole

"*morto de sede*" [apesar de coloquial indica uma amplificação da necessidade de ingerir água]

- Linguagem Formal

No primeiro ato:

Um desastre horrível, na praça da Bandeira. Vimos um lotação passar por cima de um sujeito [causa]. Morreu [consequência].

- Frases curtas; ideias coordenadas:

"Mas papai, olha. Hoje eu fiz. Escuta. Fiz aquele ensopadinho de abóbora. Deixa eu falar. A criada está de folga e eu fui pra cozinha, papai!"

- Linguagem Informal

"*Você me espinafra pelo jornal*" [delegado para o repórter] = criticar duramente

"*Que eu receba um esculacho por causa de um moleque, de um patife como você!*"

esculacho, sm = repreensão ou censura áspera, rude, ofensiva

patife = que não tem vergonha; infame, vil, canalha

"*Estou besta, besta!"* = muito admirado, pasmo

caradurismo, sm = falta de vergonha, desfaçatez

Expressão "*mais sujo do que pau de galinheiro*"

galinheiro = gaiola grande de varas, alguns até com telas, onde as galinhas dormem e defecam em poleiros.

Em teatro, torrinha, ref. ao camarote ou galeria da última ordem de assentos, geralmente localizada no pavimento superior; o poleiro, o galinheiro.

Quedê? ou Cadê? [junção do pronome interrogativo "que" + verbo ser, no Presente do Indicativo + preposição "de" = que é de]

→ é uma invenção fonética brasileira; não há registros em dicionários.

- Descrição da cena por um repórter: riqueza de detalhes, mas vocabulário específico.

Agorinha, na praça da Bandeira, um rapaz foi atropelado.

Estava juntinho de mim. Nessa distância. O fato é que caiu.

Vinha um lotação raspando. Rente ao meio-fio. Apanha o cara.

Em cheio. Joga longe, Há aquele bafafá. Corre pra cá e pra lá.

O sujeito estava lá, estendido, morrendo.

rapaz / cara / sujeito [pessoa indeterminada ou cujo nome não se enuncia]

No segundo ato, acrescenta que *o sujeito caiu de bruços*.
Referência a um homem desconhecido no jargão policial. A polícia tem elementos. [= informações]

"*Vender o peixe*" ou "*vender o peixe pelo preço que comprou*"
= expor habilmente as suas opiniões / usar meios engenhosos para realçar as próprias qualidades / repetir uma novidade exatamente como foi contada, sem assumir a responsabilidade pela sua veracidade ou exatidão

"*perder o fio*" / "*perder o fio da meada*" = esquecer-se do que estava dizendo ou explicando.

"*pra burro*" = em grande quantidade ou intensidade = muito / pra cachorro

No duro! [com ideia adverbial] = com certeza, de fato

Papai não dá pelota para Arandir. Nem bola!
dar pelota / dar bola = encorajar as tentativas de aproximação; interessar-se por, prestar atenção a

"*fazer uma boquinha*" = refeição leve

"*Isso é batata!*" = não falha, não deixa de ocorrer

No segundo ato:

- Linguagem Informal

"*ser espírito de porco*" [expressão idiomática = ref. a uma pessoa cruel, ranzinza, que complica situações]

Matéria do jornal "Última Hora"
Manchete "O beijo no asfalto!" + retrato do atropelado

"*Meus para-choques!*" = Meus parabéns! [jocosos, cômico]

"*aguentar a mão*" = aguentar as pontas = aguardar com paciência

"*cheio da gaita*" = com muito dinheiro

"*de fio a pavio*" = do começo ao fim, completamente

"*à queima-roupa*" = de chofre, repentinamente

"*meu chapa*" = amigo, camarada

"*toca o bonde*" = seguir adiante, prosseguir

No terceiro ato:

- Linguagem conotativa

Metáfora:

"*Casamento é loteria.*" [= é imprevisível]

"*A fuga é a confissão.*"

Comparação

"Abre o jornal como uma espécie de escudo ou de bandeira."

- **Linguagem Formal**

Ditado

"Rir melhor quem ri por último." [= porque entendeu]

- **Linguagem Informal**

Escracha! = ridicularize (alguém); repreenda!

Discurso irônico rodrigueano = homoerotismo como uma anomalia

Abordagem da sexualidade humana com uma ácida ironia: a sexualidade de Arandir é forjada, mas sofre as consequências [é assassinado por ser objeto oculto de desejo de seu sogro]. O inclinado socialmente se escondia e se colocava ao lado dos acusadores. Aprígio teve o seu segredo revelado diante do leitor/espectador.

Cunha (com um riso sórdido) -*Você nunca ouviu falar em gilete? Em barca da cantareira?* [p. 80]
gilete, sm = indivíduo bissexual

Objetivo do jornalista

"vender jornal como água" = vender fácil e rapidamente

A expressão "isso são outros quinhentos!" tem uma origem bem interessante.

Afirma-se que tenha nascido a partir de uma lei instituída na península Ibérica, por volta do século XIII, que estipulava uma multa de 500 soldos a quem ofendesse um nobre. "Em casos de reincidência, o agressor deveria pagar outros 500 e pode ter sido em tais situações que surgiu a expressão", diz o etimologista Deonísio da Silva, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Quem não pertencia à nobreza podia reivindicar apenas 300 - mas, geralmente, acabava sem receber nenhum tostão. [Fonte: Mundo Estranho. Editora Abril] <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-surgiu-a-expressao-outros-quinientos>

INTERTEXTUALIDADE

Filme "O beijo no asfalto", filme brasileiro de 1980
direção: Bruno Barreto
roteiro: Doc Comparato

Dália é uma das figuras centrais da história, que ganhou muita força com a interpretação de Lídia. Às vezes, menina, outras mulher, Dália ganhou mais verdade ao ser vivida por Lídia Brondi, uma atriz com o tipo perfeito para viver uma personagem rodrigueana. [crítica da Revista Veja, 15/jun/1981]

Teatro. "O beijo no asfalto", Espaço SESC
Direção: Roberto Bomtempo e César Rodrigues

Há um projeto autoral, no forno. No ano em que completa vinte anos de carreira, o ator Murilo Benício planeja dirigir o filme "O Beijo, o Processo" que contará a história do processo de criação de um filme a partir da peça "O Beijo no Asfalto" - uma metalinguagem.
Segundo ele, é uma história que conta o processo dos atores desde que pegam o texto e sentam numa mesa para ler até virar filme.

[in Folha de São Paulo, 12/out/2013]

TEMA: homossexualidade

Análise comparativa entre o texto dramático "O Pecado de João Agonia", de Bernardo Santareno e o de Nelson Rodrigues

Pelas veredas da ironia: o homoerotismo em O Pecado de João Agonia e O beijo no asfalto

<http://www.e->

[publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/3843/2664](http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/3843/2664)

VISÃO CRÍTICA

Com "Vestido de Noiva" (1943), Nelson Rodrigues renovou o teatro do país. Em sua trajetória, há dezessete peças teatrais. A escrita inovadora deste que é considerado o maior dramaturgo brasileiro de todos os tempos foi sempre incompreendida.

Mais de duas décadas depois, Nelson Rodrigues continuava desafiando a crítica.

"Nelson não é consenso total. Até hoje tem gente que não entende suas peças", diz Antonio Guedes, diretor do Teatro do Pequeno Gesto.

[in revista de ensaios "Folhetim", do grupo carioca Teatro do Pequeno Gesto]

Muita gente conhece e reconhece Nelson Rodrigues como um escritor de grande fôlego e importância dentro do panorama do moderno teatro brasileiro. Contudo poucos têm notícia de Susana Flag, um pseudônimo adotado por Nelson em quatro romances que circularam, sob a forma de folhetim, entre os anos de 1944 a 1947.

Rastreando os registros biográficos de Nelson Rodrigues, fica-se sabendo que ele, utilizando sua flexibilidade linguística, sua imaginação e espaço jornalístico de que dispunha, decide enveredar pelos caminhos do folhetim, gênero muito apreciado no Brasil desde a época do Romantismo, no momento em que os "Diários Associados" pretendiam comprar e publicar uma história produzida nos Estados Unidos. A adoção de um pseudônimo feminino aparece quase como uma decorrência necessária do mistério rocambolês que envolve o gênero. Por quê?

O leitor de folhetim é, nos anos quarenta, o mesmo ouvinte fiel das radionovelas que, açoitado pelas restrições impostas pela guerra, encontra no rádio e no jornal os capítulos românticos que a realidade teimava em sonegar.

[in site oficial www.nelsonrodrigues.com.br]

Os personagens de "O beijo no asfalto" estão longe de corresponder à representação linear reiterada na opinião corrente pela indústria de (re)produção de sentido. Eles escrevem o dia-a-dia com a língua do desejo, sempre pronta para vilipendiar a linguagem legisladora. Obrigados a dizer o que não querem calar-se para tentar escapar da opressão, mas, no momento preciso, revidam com a força do superanimal, a besta nietzscheana que edifica a morada do humano.

[BUSSE, Maria Luiza Franco. O óbvio em Nelson Rodrigues – uma semiologia do humano]
